

Cion Brasil

10 SET 1992

Joelmir Beting

"A política é a arte de impedir que a sociedade participe de decisões do seu interesse."

Paul Valéry (1871-1956), poeta francês.



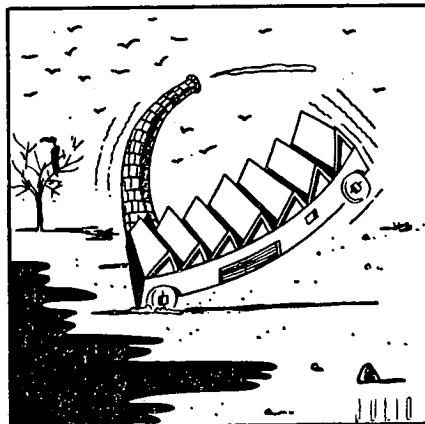
Setembro negro?

As empresas brasileiras estão jogando literalmente na retranca. Elas não ousam atravessar o meio-de-campo. O negócio é guardar posição. Ninguém sabe que bicho doido pode sair da cartola de um governo com a corda no pescoço. A ordem, pois, é protelar decisões, recolher projetos, suspender contratos, cancelar encomendas. A crise política começa, finalmente, a agravar a crise econômica.

□□□ A culpa não é dos políticos. A culpa é dos economistas. Sim, dos economistas que deram de anunciar choques em cascata no governo terminal de Collor ou no governo suplementar de Itamar. O que os fantasmas da Dinda não conseguiram os economistas do lado de fora do governo estão conseguindo: assustar empresários, trabalhadores, consumidores.

□□□ A palavra choque já estava banida do noticiário econômico. As empresas vinham preparando-se para um ajuste via mercado e não mais via governo. Era o que se poderia chamar de Plano Marcílio. Agora, não. Nos últimos dez dias, as decisões dos agentes econômicos desenham um cenário pré-choque. Recoloca-se gordura nos preços. Zeram-se todos os estoques. Foge-se da liquidez em renda fixa para ativos de risco ou para títulos com correção cambial (sem tablita). Promove-se novo ajuste interno para baixo e para trás: redução da jornada, férias coletivas, demissão do pessoal.

□□□ Os economistas, na maioria, são interventionistas e experimentalistas. O problema é que a ciência econômica, vulgar ciência lúgubre, no dizer de Carlyle,



não tem como fazer simulações em laboratório. Ela toma a sociedade dos homens como cobaia. Basta-lhe um decreto-lei. Ou mesmo uma medida provisória. Foi assim que acadêmicos bem-intencionados desestruturaram a economia brasileira nos últimos sete anos. Agora, voltam à carga. Um dos choques oferecidos leva rótulo sob medida: Plano Hiroshima.

□□□ O ajuste via mercado, ridicularizado pelos heterodoxos de plantão, vinha funcionando até maio. Deixou de funcionar quando começou a chover lama na vida de todos nós. Deu-se no ato a quebra da reversão das expectativas pessimistas, esboçada desde março. Sem essa chuva de lama, já estariamos festejando, nesta altura do calendário, as primeiras colheitas do ajuste via mercado. Ou via Marcílio. Bem ao contrário, acontece o pior: a volta do medo do choque. Que aciona o próprio choque.